



“SANTINHA EM TUDO QUANTO ERA CANTO”: UM ESTUDO SOBRE JOVENS MULHERES UNIVERSITÁRIAS CRISTÃS

“PRUDE WHEREVER SHE IS”: A STUDY OF YOUNG FEMALE CHRISTIAN STUDENTS IN UNIVERSITY

Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Hamanda Maiara N. Pontes

Universidade do Estado do Pará - UEPA

Resumo

O presente trabalho analisa jovens universitárias cristãs protestantes e é a partir de quem se orientam as reflexões acerca das culturas juvenis, assim como sobre os modos de ser jovem. As jovens mulheres cristãs, ao construírem seu estilo de vida, lançam mão de sinais que marcam a juventude contemporânea, porém, estão condicionadas pelos limites impostos por sua cultura religiosa. No ambiente universitário os valores cristãos podem ou não influenciar na convivência estudantil ou, dito de outro modo, em suas formas de sociabilidade juvenil. Nos trajetos e percursos pela universidade vivenciam experiências de estranhamento e conflito e no esforço em articular experiências juvenis e cristãs na igreja e na universidade acabam atuando na fronteira entre dois modos de vida literalmente distintos, jogando com um ou outro dependendo da instituição em que se encontram. Este trabalho discute a tensão vivenciada na articulação de experiências juvenis e evangélicas no espaço universitário. De abordagem qualitativa, a pesquisa dispôs da entrevista narrativa como técnica de coleta de dados e do Método Documentário na análise das ações e práticas cotidianas de sete jovens evangélicas, estudantes de universidades públicas e particulares da cidade de Belém, vinculadas às igrejas Assembleia de Deus, Quadrangular, Deus é Amor e Batista.

Palavras-chave: Jovens mulheres cristãs. Juventude. Cultura Juvenil.

Abstract: This work analyzes young Christian women who study in the university, who support the reflections on youth culture, as well as on ways of being young. Young Christian women, as they build their life style, use, some signals which mark the contemporary youth, but, they are constrained by the limits imposed by their religious culture. In the university environment Christian values may or may not influence the students' coexistence, that is, their forms of youth sociability. In the routes and ways in the university, these young women go through some experiences of strangeness and conflict, and in the effort to articulate, at the same time, youth and Christian experiences both in the church and university, the female students end up working on the border between two literally different ways of life, playing with one or another depending on the institution where they are. This work deals with the tension experienced in the articulation of Christian and youth experiences in the university. This research qualitative used the narrative interview as the technique to collect data, and the Documentary Method to analyze the daily actions and practices of seven Christian young women, who study in public and private universities of Belem and attend churches such as Assembly of God, Foursquare Gospel Church, Pentecostal Church God is Love and Baptist.

Keywords: Young Christian Women. Youth. Youth Culture.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Introdução

Os níveis de escolarização da população brasileira alteraram-se profundamente nas últimas décadas. A universalização do ensino fundamental alcançada no final dos anos 1990, o aumento da cobertura do ensino médio e do ensino superior são indicativos dos avanços na escolaridade da população em todos os níveis. Ainda que persista uma inadequação na relação idade x curso no que se refere à renda e raça/cor do estudante, pode-se verificar que enquanto em 2004 o índice de frequência ao ensino superior, na faixa etária de 18 a 24 anos era de 32,9%, dez anos depois, em 2014, já havia alcançado 58,5%. Especificamente na região norte frequentava o ensino superior, nessa faixa etária, em 2004, apenas 17,6%, ampliando-se de modo que alcançou, em 2014, a taxa de 40,2%. Além disso, quando considerado o sexo dos estudantes observa-se que em 2014 a maioria dos que frequentam este nível de ensino são mulheres (63,3%) ainda que o percentual entre os homens (53,2%) não seja baixo (IBGE, 2015). Recentes, estas transformações aumentaram significativamente a presença de jovens no meio universitário, tornando fundamental a retomada dos estudos sobre os jovens que frequentam o ensino superior.

Os estudos sobre a juventude ou a pessoa jovem, se, por um lado, cumprem a tarefa de suprir a produção do conhecimento acerca de um grupo pouco reconhecido, por outro, têm deixado uma lacuna no que se refere ao próprio campo, ao não dar, do mesmo modo que a outras áreas e grandes objetos, visibilidade à jovem mulher. As reflexões em torno das experiências juvenis remetem frequentemente ao estudo de práticas e atividades que têm como sujeito central o jovem do sexo masculino. As vivências cotidianas e rotineiras, nas quais são, segundo Chiriboga (2001), “onde

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



acontecem majoritariamente a experiência feminina” (p.140)¹, não se destacam como objeto de pesquisa, refletindo as relações de poder que permeiam os estudos deste campo. Com efeito, as jovens mulheres ainda representam uma incógnita; suas necessidades, condições de vida, assim como suas expressões e manifestações culturais próprias, ocupam um lugar marginal ou até mesmo secundário nas investigações sobre juventude.

Ainda sabemos muito pouco sobre como acontecem as experiências das mulheres jovens, sobre a maneira como projetam seu futuro e como ocorrem os processos de transição para a vida adulta. Suas aspirações, potencialidades, práticas culturais, expressões estéticas, atividades e ações relacionadas ao âmbito do lazer, continuam recebendo pouca ou nenhuma atenção, quando não aparecem diluídas em pesquisas que compreendem a juventude como um todo homogêneo. Além disso, estudos que abordem a temática das culturas juvenis tomando como referência os estilos e percepções de jovens do sexo feminino são ainda mais raros e chama atenção que o “gênero não tem aparecido como uma categoria analítica relevante” (MULLER, 2004, p.4), tanto no campo de pesquisa sobre juventude quanto no campo de pesquisa sobre educação ou ensino superior.

Além disso, estudos que articulam juventude e religião, segundo Farias e Blanc (2011), vêm assumindo grande destaque nos estudos da antropologia, sociologia e mais recentemente no campo da educação. A compreensão de como a religiosidade integra a experiência de vida e universitária permite entender de que forma a religião contribui para a construção da condição juvenil e como se dão as relações sociais no espaço da academia, já que a religiosidade é “analisada como um importante conteúdo de sociabilidade e lazer para jovens [...], com atividades como, por exemplo, encontros e eventos direcionados a esfera religiosa” (FARIAS; BLANC, 2011, p.2).

¹ Tradução livre do original em espanhol feita pelas autoras.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Deste modo, deslocamos o eixo de atenção do ensino superior, das instituições, das políticas e programas, dos cursos, currículos e práticas pedagógicas, passando para a compreensão dos sujeitos jovens, dos estudantes universitários, particularmente das estudantes jovens cristãs.

Para tanto, a juventude é analisada, a partir de uma perspectiva *manheimiana*, como grupo geracional (BASSALO, 2012) já que, de acordo com Weller (2010), o conceito de geração operacionaliza a análise da juventude e possibilita a compreensão de que grupos sociais surgem em um determinado período e lugar, logo, os jovens, como grupo geracional, têm uma existência histórica, material e não transitória como fazem supor várias definições de juventude. Ademais, compartilham em um determinado tempo cronológico experiências, valores e comportamentos com seus pares ou com sujeitos de diferentes gerações. Ao colocar no foco de análise a experiência juvenil de estudantes universitárias e cristãs, propõem-se dar relevo aos modos como constroem e como lidam em sua trajetória estudantil no ensino superior, com os significados de sua condição cristã, as marcas visuais que as identifiquem como jovens e cristãs e as reflexões que fazem sobre sua própria trajetória acadêmica.

Ao caminhar na contramão das idealizações e abstrações criadas em torno desse grupo geracional, é essencial, até mesmo para evitar a armadilha das generalizações, nos perguntarmos sobre, ao fazer parte dos processos de sociabilidade no ambiente universitário, como as jovens se veem sendo cristãs num local que reúne diferentes crenças e religiosidades, o ambiente acadêmico e de que maneira entendem as experiências vivenciadas no percurso universitário, se estabelecem novas práticas, se desenvolvem alterações nos modos de compreender ou de ser. Em sua aparência expressam as normas e modelos estéticos instituídos por seu grupo religioso ou a modificaram a ponto de inserir elementos de diferenciação visual? No contato com estudantes de orientação religiosa diferente da sua vivenciam situações de conflito e

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



preconceito dentro da universidade? Como lidam com elas?

Este trabalho se propõe a discutir então a condição juvenil de mulheres universitárias cristãs, considerando, como aspecto central para desenvolver a interpretação, as formas de manifestação visual que elaboram, seja a partir de um ideário religioso, ou, pelo contrário, seguindo critérios próprios. Assim como delineiam as formas de resistência e as estratégias desenvolvidas para lidar com os valores e conhecimentos acadêmicos que se contrapõem aos ensinamentos e preceitos de sua cultura religiosa, ou até mesmo situações de estranhamento que evidenciam a dificuldade de articular experiências religiosas e juvenis nesse espaço.

O *corpus* da investigação compõe-se de sete entrevistas narrativas realizadas com jovens universitárias cristãs protestantes, com idades entre 19 e 21 anos, estudantes de instituições públicas e particulares de ensino superior da cidade de Belém/PA, vinculadas às igrejas evangélicas Assembléia de Deus, Quadrangular, Batista e Deus é Amor. Todas as entrevistas foram transcritas, categorizadas e analisadas segundo o Método Documentário (BOHNSACK; WELLER, 2011), que permitiu acessar e reconstruir o sentido das ações cotidianas e as práticas juvenis das estudantes, interpretar as normas de referência que orientam essas práticas e os modos de comportamento no contexto da universidade. De modo geral, o percurso metodológico possibilitou o aprofundamento da análise, uma vez que a entrevista narrativa e o método documentário, como advogam Weller e Otte (2014), têm em comum o princípio de que para a análise empírica é necessário “reconstruir o sentido subjacente e implícito na fala do entrevistado” (p.328), o que implica questionar-se acerca daquilo que o informante documenta e comunica *a priori* em sua fala.

O artigo está dividido em três partes. Inicialmente, apresenta breves considerações teóricas acerca da juventude e o significado que esta categoria assume no contexto protestante, assim como discute as disposições religiosas que configuram o



estilo de vida das jovens cristãs. Na sequência, apresenta passagens narrativas, destacando as interpretações das universitárias cristãs em relação às formas estéticas assumidas e os modelos visuais estabelecidos pelas doutrinas protestantes. Por fim, reflete sobre os conflitos e dificuldades enfrentadas pelas jovens cristãs em suas trajetórias acadêmicas e pessoais, apontando para os entraves de ordem familiar e as situações de preconceito e tensão que atravessam no espaço universitário.

1. Juventude, cultura juvenil e orientação religiosa

A juventude é um conceito difícil de precisar, dada as diferentes perspectivas de análise e a pluralidade de discursos e olhares sobre o tema. Logo, tentar acerca-se dele é “se colocar diante de um campo marcado por sentidos emanados da cultura, de representações sociais sobre ‘ser jovem’, e pela falta de definição conceitual” (BASSALO, 2012, p.63). Isto significa dizer que circulam no campo de pesquisa e na sociedade diferentes definições, interpretações e representações, convivendo numerosas concepções, ora tradicionais e funcionalistas, ora alternativas e integradoras, que revelam formas distintas de pensarmos as juventudes, suas práticas e produções culturais.

Este cenário nos desafia a pensar e, por consequência, a superar a ideia de que exista um jovem universal e de que a juventude é uma fase, algo transitório. Na verdade, “a juventude não é uma abstração” (BASSALO, 2012, p. 95), pelo contrário, ela é real e concreta, se transforma permanentemente de acordo com o tempo e o lugar. Portanto, está vinculada inexoravelmente a um contexto sócio-histórico, ou seja, em cada época vai ser construída de uma maneira, com formas e comportamentos particulares daquele tempo histórico-social. Assim, quando falamos de juventude, estamos “profunda e comprometedoramente emaranhados numa complexa teia de representações sociais que se vão construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas”

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



(PAIS, 2008, p.8).

As representações sobre juventude feminina que se delineiam no contexto cultural protestante resultam de um processo de construção que postula uma forma específica de ser jovem mulher a partir de determinações estéticas e comportamentais, que em nada ou quase nada se assemelham ao perfil de jovem exposto e vendido pelas agências de comunicação e publicidade, como também àquelas imagens hegemônicas produzidas pelo imaginário social. Nesse sentido, são comuns, por parte das igrejas, restrições às inscrições corpóreas e/ou culturais. Proibições que, em seu conjunto de regras, inibem o acesso à produção cultural e a diferentes experimentações (especialmente estéticas), como também costumam compreender a jovem a partir de uma única condição, a cristã, desenvolvendo uma oposição ao perfil de mulher jovem da sociedade contemporânea.

À vista disso, podemos supor a existência de um estilo próprio da cultura protestante que se relaciona diretamente às formas expressivas juvenis de sentir e de se colocar no mundo, assim como também aos modos de vestir, falar e se posicionar no tempo e no espaço. Todavia, a grande maioria das jovens mulheres cristãs absorve, assim como os demais jovens de sua geração, certas marcas da cultura juvenil contemporânea, seja relativa ao lazer, à sociabilidade, ao namoro, à música ou à aparência estética, ainda que haja imposições quanto a estes temas em sua religião. Resulta disto uma identificação com diferentes valores, práticas, preferências estéticas e musicais, visões de mundo e modos de comportamento que as inscrevem, mesmo que de modo particular, em uma cultura juvenil. Nesse sentido, Feixa (1995) e Varela (2008) apontam na mesma direção ao compreenderem as culturas juvenis² como os

² Neste artigo partimos do pressuposto de que não existe apenas um tipo de cultura jovem, dadas as diferenças das expressões, condições concretas de vida e as singularidades que permeiam as experiências dos sujeitos. Por conta disso utilizamos o termo no plural, para assinalar a heterogeneidade da vida de quem a produz. Para uma discussão ampla sobre o conceito, consultar entre outros Feixa (1998), Reguillo (2000) e Weller (2005).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



conjuntos de formas de vida e valores que constituem e configuram as práticas sociais dos sujeitos. Estas podem ser representadas simbolicamente por meio de estilos que expressam elementos materiais e imateriais com os quais os/as jovens se reconhecem e se identificam, além de articular de forma ativa símbolos, atividades e estéticas que estruturam uma identidade juvenil. Embora, segundo Feixa (1998), a grande maioria das culturas jovens se apresente na cena pública sob a forma de estilos juvenis espetacularizados - já que a indústria cultural absorve e comercializa determinadas características e as transforma em modelos ideais e representativos de todos os/as jovens -, não podemos desconsiderar como válidas aquelas formas culturais que se manifestam no cotidiano dos/as sujeitos/as, que apesar de não “portarem os signos que caracterizam hegemonicamente a juventude” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 6)³, não deixam de ter um estilo individual, uma forma particular de se expressar no mundo. O que caracteriza, inclusive, a condição de uma parcela significativa das jovens evangélicas.

Por apresentarem como marca de sua identidade o “ser cristã”, são comuns situações de discriminação não só porque suas expressões estéticas diferem dos modelos que legitimam midiaticamente a condição juvenil, mas também por incorporarem em seus estilos de vida os valores e preceitos de sua religião, o que algumas vezes resulta na rejeição de práticas e atividades juvenis no âmbito do lazer, das formas de diversão. Da mesma maneira, há experiências de tensão e conflito quando entram em contato com conteúdos e explicações científicas que colidem com preceitos religiosos. Podemos dizer que são desafiadas frequentemente no sentido de permanecerem na universidade sendo cristã e a não abandonarem suas crenças religiosas estando na academia.

Logo, podemos assumir, assim como Castilho (2011), o pensamento de que condições de ordem cultural e religiosa, mas não só, como também econômica e social, intervêm diretamente nas maneiras de ser jovem que os sujeitos elaboram em um

³ Tradução livre do original em espanhol feita pelas autoras.



determinado tempo e espaço. Nesse caso, as mulheres cristãs vivem e experimentam sua condição juvenil de forma bastante particular, devido, em grande medida, aos limites que lhes são impostos, além de atender, algumas vezes, a aspectos religiosos. Sendo assim, seus estilos de vida expressam, quase sempre, valores e significados cristãos, os quais orientam suas práticas e modos de comportamento. Em certas situações e contextos, as jovens cristãs são convocadas para conservar uma “vida santa”, longe de qualquer coisa que as façam desviar-se do caminho bom e aceitável, do comportamento moral e pudico. Na visão do mundo adulto evangélico, ao fazerem a escolha por uma distinção, essas jovens devem expressar em sua aparência e modos de ser “a santidade que evoca o pertencimento a uma dada forma institucionalizada de religiosidade” (ALVES, 2012, p. 2-3).

2. Críticas a um estereótipo: as construções estéticas de jovens cristãs

Mesmo que sejam criadas abstrações e imagens estereotipadas em torno da mulher evangélica, no que se refere especificamente ao plano estético, estas nem sempre encontram correspondência na realidade, já que a grande maioria das jovens evangélicas não apresenta mais as formas visuais convencionadas por seu grupo religioso, isto é, não faz juz ao modelo de mulher cristã que circula como representação legítima e homogênea. Algo apontado na fala da informante, abaixo:

*Por eu não ser a cristã estereotipada eh que se veste de um modo que (risos) as pessoas já digam “ela ali é cristã; ela ali é evangélica, ela é crente, como falam ela é crente”. Eu não sou assim, até porque eh onde eu frequento nós não temos talvez essa imposição há quem se veste **há**, há quem não se veste **há**. Eh mas não tem essa imposição, nós vamos nos vestir assim (Af, 21 anos, estudante de pedagogia).*

Podemos perceber que, para a jovem Af, sua aparência estética não se assemelha à imagem idealizada que se constrói na sociedade em torno da mulher cristã. A expressão ‘que’ seguida de risadas evidencia certo constrangimento ao mencionar que o

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



modo de se vestir associado a esse modelo acarreta interpretações arbitrárias e apressadas que associam um tipo de roupa a uma pertença religiosa. A jovem ainda afirma que na igreja que frequenta não há nenhuma imposição a esse respeito, chegando a mencionar que algumas seguem e outras não seguem este padrão. A pronúncia em voz alta do vocábulo ‘há’ tanto para quem segue quanto para quem não segue um modelo de vestir evidencia sua visão acerca da flexibilidade da igreja com relação a este aspecto para seus membros.

Embora ainda haja, em grande parte das igrejas e instituições protestantes, principalmente as de cunho mais tradicional, restrições e estabelecimentos de doutrinas que proíbem o acesso a certos bens do universo juvenil, é possível identificar jovens cristãs que criticam e enfrentam as imposições a fim de construir suas próprias manifestações estéticas, o que remete sua adesão a adereços, a acessórios e a uma indumentária própria que expressam, antes que qualquer norma ou regra religiosa, suas preferências e gostos individuais. Por esse motivo, aquilo que era visto como *tabu* ou uma restrição impensável de se transgredir, “em pouco tempo pode ser considerado mais um elemento de identificação” (GOMES, 2007, p.2) das jovens evangélicas.

Para certas jovens cristãs, o vestir assume um aspecto importante que contribui para a aquisição do sentimento de bem-estar, algo que influi de forma decisiva na escolha de símbolos e adereços que vão compor o seu estilo, não havendo adesão a critérios religiosos no momento da escolha:

Só que pra mim eu não sou um exemplo com vestimentas, não que eu me vista de maneira inadequada. Muito pelo contrário, eu me visto de uma maneira que eu não seja indecente, mas também não de maneira, que eu diga “eu sou completamente crente, eu sou uma pessoa rigorosa, religiosa”. E eu me visto assim, sem questionar quem se veste obviamente é uma questão de sei lá, da pessoa se sentir bem do modo que ela se veste (Af, 21 anos, licenciatura em Pedagogia).

Vemos que a jovem Af não se considera um exemplo de cristã, ao tomar como

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



referência um modelo de roupa padronizado. Para a estudante, sua forma de se vestir não é inadequada, mas também não expressa a imagem de uma pessoa religiosa. Ao mencionar o termo “completamente crente” demonstra a roupa como um elemento identitário significativo, podendo, inclusive, revelar o grau de pertencimento do sujeito à religião cristã. ‘. As palavras ‘crente’, ‘rigorosa’ e ‘religiosa’ se apresentam como atributos que estão diretamente vinculados a um modelo de mulher que porta uma estética conservadora. Claramente podemos notar que Af equilibrar-se entre os valores daquilo que parece ser o exemplo de apresentação de uma cristã e aquilo que ela define como sendo apresentável sem romper com os valores religiosos.

A informante ainda ressalta que por mais que se vista de forma particular não critica quem opta por seguir as orientações visuais de sua religião. Para ela o modo como alguém se veste remete a escolhas que estão relacionadas a aquisição de bem estar pessoal. Contudo, ao adotarmos outro ponto de vista, é possível perceber que ao incorporar um vestuário alternativo e ao combinar objetos, acessórios e marcas corporais, algumas jovens evangélicas se utilizam de processos de diferenciação frente a discursos que homogeneizam visualmente o público feminino que frequenta e congrega em igrejas protestantes, assumindo riscos e equilibrando-se entre ser evangélica e uma jovem da contemporaneidade.

2.1. Desvinculando: ser cristão não é seguir um modelo estético

Outra consideração importante a ser destacada é a constatação de que o aspecto das vestimentas tem apresentado um lugar secundário no processo de compreensão do que verdadeiramente define a condição cristã, havendo, por parte das jovens estudantes, uma clara e contundente desvinculação entre o “ser cristão” e a aparência estética:

Eu acho que ser cristão tá mais no coração do que na aparência. Não acredito que Deus vai nos mandar pro inferno porque a nossa pos-, o nosso visual não é, não condiz com as freiras (Cf, 21 anos, Licenciatura em Geografia).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Até porque quem é servo de Deus de verdade sabe que roupa não deve ser motivo pra discussão né. O que vale mesmo é o quanto a pessoa se doa se, se disponibiliza na obra do Senhor. (Gf, 20 anos, Licenciatura em Letras).

As jovens que compartilham desse entendimento e buscam construir livremente seu estilo sem qualquer interferência religiosa encontram nas doutrinas protestantes tradicionais uma oposição ferrenha. De acordo com Gomes (2007), pode ocorrer ainda um afastamento ou desvio do grupo religioso por parte daquelas meninas que “interpretam suas práticas e construção de estilo como corretas” e se veem censuradas por não serem aceitas do jeito que são, do modo como se apresentam cotidianamente, pois elas constantemente “sugerem outros estilos, outras maneiras de se vestir, de se pentear, de intervir em seus próprios corpos” (p.6). Esse *conflito de apreciação estética*, como denomina o referido autor, é proveniente do descontentamento do mundo adulto diante da incompatibilidade das vestimentas ou qualquer outro tipo de manifestação estética que contrapõe os padrões orientados pela instituição protestante.

Neste sentido, as escolhas e experimentações visuais feitas pelas jovens são vistas como problemáticas e violadoras na compreensão manifestada pelo mundo adulto, representado, nesse caso, pelas líderes religiosas, consideradas como experientes e capazes de transmitir as condutas femininas adequadas que tanto se exigem das mulheres evangélicas jovens. As mulheres cristãs adultas defendem a continuidade e a preservação dos modelos estéticos tradicionais, ao passo que as jovens mulheres buscam, diligentemente, renová-los e transformá-los de acordo com a sua cultura juvenil. Assim constroem novas representações e significados acerca do vestir, reelaborando, desse modo, as formas convencionais de ser evangélica.

Portanto, percebemos um conflito geracional que se dá justamente no processo de perpetuação da tradição, o que coloca as jovens no limite, na fronteira, numa posição intermediária entre a cultura religiosa cristã e o modo de vida secular. Deste modo, as



jovens mulheres têm que conviver com o dilema de pertencer a um grupo geracional, o que implica aspectos da cultura juvenil, inerentes à sociedade contemporânea e, ao mesmo tempo, estar inseridas em grupos religiosos que condenam o perfil de ‘jovem mundana’, o qual está vinculado a práticas e modelos estéticos condenados, visto que quando qualquer membro de instituições protestante, incluindo as mulheres, “experimentarem novos e diferentes estilos, por vezes, são considerados transgressores de regras e padrões estabelecidos” (GOMES, 2007, p.4).

2.2. Imposição de um padrão e enfrentamentos na universidade

Em grande medida as imposições e restrições referentes ao vestir são estabelecidas a priori pela família, no caso daquelas que seguem e professam a fé cristã, exercendo uma influência significativa nas escolhas estéticas e no estilo construído pelas jovens, que, em algumas vezes, por falta de autonomia, são obrigadas a seguirem à risca o padrão visual instituído pela doutrina de sua igreja. Situação identificada no relato abaixo:

Quando eu era pequena a minha mãe ela mim... obrigava a me vestir de um jeito padrão. Eu fiquei uns anos sem ficar com a minha mãe porque meu...ela ficou com depressão pós parto porque o meu pai foi embora de casa e aí fui pro o interior e fui criada pelo meu avô por uns dois anos mais ou menos. E eu não sabia me vestir, nem fazer nada. Eu usava roupa de homem andava por aí. Aí quando ela me trouxe pra cá foi um impacto muito grande porque eu tive que mudar, eu tive que ir pra Assembleia de Deus tradicional e eu tive que aprender me vestir e agir do jeito que ela queria. Só que eu era muito jeca eu ficava na igreja querendo correr brincar fazer tudo quanto era coisa e eu num eu não gostava, eu não sabia me vestir de vestidinho, sapatinho bonitinho, lacinho. E aí era assim que tinha que ser, dentro, da sala de aula, dentro da sala de aula não, dentro da igreja tinha que se vestir daquele jeito mas fora, não podia se vestir diferente porque tu entrava em contradição segundo a igreja tradicional. Então se eu me vestia santinha na igreja, eu tinha que ser santinha dentro da sala de aula, santinha no clube santinha na aula de inglês, na aula de informática, santinha no curso de música santinha em tudo quanto era canto. Tinha que ser àquela mesma

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



vestimenta e pra mim era complicado, eu era caloura ela enchia um saco, aí eu não gostava. Aí com o tempo eu fui quebrando essa barreira com a minha mãe (Cf, 21 anos, licenciatura em geografia).

Ao mencionar parte de sua infância no fragmento acima, a informante retoma questões adversas de sua história e a figura masculina do avô como sua única referência por dois anos, o que lhe deu um modelo distinto daquele que lhe seria exigido mais tarde. Demonstra que não houve, nesse período, nenhum tipo de preocupação com sua aparência dentro dos moldes femininos. Tal experiência aparece como relevante para a jovem Af, ao relatar o quão impactante teria sido seu retorno à casa da mãe, cujo modelo de feminilidade cristã esteve ausente para ela até então.

Entrando em contato com a igreja tradicional que a mãe frequentava, teve que reaprender a se vestir e agir de acordo com o que era postulado para uma menina/mulher cristã ou a ‘santinha’ como ela nomeia. Tais padrões, de vestuário e de comportamento, tinham que ser observados sempre, pois, como exigência daquela instituição, a sua não observância levaria a um enfrentamento ou, de acordo com suas palavras, a uma contradição segundo o ponto de vista das igrejas tradicionais. Percebemos um tom irônico em sua fala, já que no uso da palavra ‘santinha’, enfatiza a imagem de castidade e recato que atravessa os códigos de apresentação visual e comportamento das meninas e mulheres evangélicas, além de enfatizar que estes deveriam estar presentes em todos os momentos do seu dia, fosse na igreja, na escola, no clube, em todos os espaços que frequentava ou em suas palavras, “ em tudo quanto era canto”.

Para as jovens evangélicas que seguem o ideário estético proposto por seu grupo religioso, tomando-o como modelo de referência, vivenciar o espaço universitário se converte em uma experiência de estranhamento, marcada constantemente por situações de preconceitos e conflitos:

Tem umas pessoas que eu conheço que elas são cristãs e que elas se

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



vestem de um jeito diferente da maioria. Não pode usar calça não pode usar brinco não pode usar maquiagem não pode usar uma série de coisas. E aí essas pessoas quando elas entram no ambiente acadêmico, elas recebem um choque porque elas se olham e não são (.) como todo mundo aí o que as pessoas, as pessoas acabam vendo, elas de um jeito diferente (Cf, 20 anos, licenciatura em geografia).

Eu já percebi claro esses olhares das outras amigas logo que eu cheguei na faculdade né. Porque eu sempre vinha de saia sempre vim de saia, saia e vestido, saia e vestido, saia, vestido. E elas já me perguntaram: Cleide tu não usa calça? Falei: é muito difícil, eu não gosto é muito difícil. Mas por que a tua igreja num, num permite? Aquelas coisa né? Tua igreja, tua igreja proíbe? A igreja que eu estou nunca proibiu. Inclusive tem moças, nós somos da assembleia, mas inclusive tem moças que usam calça Normalmente, diariamente. Até vão pra igreja assim, porque a nossa igreja a doutrina da nossa igreja nunca proibiu nunca disse que não podia, mas há, essas questões esses conflitos essas perguntzinhas (Gf, 21 anos, licenciatura em Letras).

A decisão por aderir às indicações estéticas cristãs, em seu estilo e visual juvenil, acaba tendo implicações que resultam numa forma particular e, por consequência, distinta de se manifestar nos espaços acadêmicos. Para a jovem Cf, na universidade, a maioria das pessoas cristãs que conhece passa pela experiência de serem vistas e até mesmo percebidas de forma diferente pelos demais, já que por se apresentarem esteticamente de forma tradicional, o que indica, no caso, restrições corpóreas, como o uso de joias, maquiagens, adereços, ou roupas ‘chamativas’ e ‘extravagantes’, não possuem *a priori* nenhum elemento de identificação com seus pares não cristãos.

Algo que é facilmente identificado no relato da informante Gf que relembra ‘olhares’ de estranhamento, ‘perguntzinhas’, ‘conflitos’ por conta de seu modo vestir, já que usa somente saia e vestido. Porém, em sua fala afirma que a igreja que frequenta não impõe restrições a seus fiéis no que se refere a este item e que ela não usa calça comprida com frequência porque não lhe agrada e que este fato, não usar determinada peça do vestuário, foi ressaltado nos comentários de suas amigas não evangélicas.



3. Entre resistências e conflitos: um lugar de concepções divergentes

Os efeitos de estar na universidade geram conflitos que não se restringem a esse espaço, mas se prolongam e são estendidos para o âmbito familiar das jovens, como pode ser evidenciado no fragmento da entrevista a seguir:

Gera conflito por, por diversa, por diversas coisas. Primeiro porque, primeiro na família talvez. Porque muitos pais cristões, acreditam que o fato do ingresso na universidade e o maior posicionamento crítico sobre algumas coisas já tá indo de encontro a nossa crença, que pode simbolizar uma revolução qualquer coisa, um desrespeito. Então os, pelo menos os meus pais, àqueles pais que são mais eh voltados fielmente pro cristianismo, que não questionam. Eu não sou esse tipo de cristã, eu sou uma cristã que questiona; eu quero enten..., eu quero saber as coisas, eu quero saber a origem. Eu não quero só uma pessoa lendo a bíblia e dizendo que é aquilo, eu quero também entender aquilo que ela entende, eu quero que Deus fale comigo daquela forma. e então, eu me questiono, eu vou me questionar. e então, muita das vezes os pais atribui esse posicionamento crítico de tudo ao conhecimento gerado na universidade, que é uma forma de tirar da fé (Af, 21 anos, licenciatura em Pedagogia).

Um dos elementos da formação acadêmica é aprender a pensar por si mesmo, a partir ou baseado em alguma explicação científica e isto, quando reverbera na jovem cristã, é visto como problemático e violador na compreensão de famílias cristãs mais tradicionais. Não é bem aceito, como diz Af, pois o ingresso na universidade seria responsável pelo afastamento da prática religiosa, desvirtuaria a jovem e seria um modo de lhe ‘tirar da fé’, uma vez se trata de um espaço no qual a jovem evangélica “encontra a oportunidade de tecer novas redes de sociabilidade, contribuindo para uma nova visão de mundo” (FARIAS; BLANC, 2011, p.6). Como local de sociabilidade, amplia possibilidades de experiências, oportuniza elementos para refletir e analisar sua própria história, reconhecer o seu lugar na sociedade, de tal modo que estar no meio acadêmico promove maneiras mais autônomas de interpretação da vida em sociedade e formas de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



atuação.

Além disso, segundo Alves (2012, p.12), circulou durante muito tempo, no imaginário dos grupos religiosos protestantes, em particular aqueles de viés pentecostal, o pensamento sobre a universidade como um lugar perigoso para a fé e a conduta de um/uma jovem evangélico/a, “não se incentivando ou mesmo criticando os avanços nos estudos” desses sujeitos. Vemos que a pronúncia enfática da palavra ‘questionar’, apresentada no relato supracitado, demonstra que esta atitude é considerada significativa e relevante para a jovem Af, na medida em que afirma não querer apenas ler e reproduzir os ensinamentos presentes na Bíblia, todavia, e em contraposição à postura assumida por seus pais, busca questioná-los e conhecer suas origens para poder entendê-los, logo, Af se define como uma “cristã que questiona”.

Para as jovens mulheres pertencentes ao contexto cultural cristão, “conviver e vivenciar experiências no espaço da academia é visto como algo difícil” (ALVES, 2012, p.13) e conflituoso, à medida que se deparam com certos desafios e questões postas de como se adaptar e ser aceita em um espaço tradicionalmente secular, sem perder seus valores e costumes cristãos:

Conflito por isso que eu diria que é uma coisa que eu aprendi, que eu aprendo na minha crença e quando eu venho aqui, quando eu entro aqui eu vejo um outro posicionamento, é um posicionamento sem dívida antagônico do que eu, do que eu aprendo, do que eu aprendi enquanto fé, enquanto crença. Então, é isso que eu tô dizendo que é um cho..., é um choque de... de crenças e eu tô no meio disso. Eu tô vendo a pessoa me falar que isso é assim e outra me falar que isso pode não ser assim, entendeu? Que pode ter uma explicação científica pra isso, quando a fé não trabalha com isso, a fé não trabalha com ver, com razão; ela trabalha de certa forma com a emoção, com o sentir. Então é esse momento de emoção e razão é isso que faz, que cria um. um choque entendeu? Eu fico no meio disso enquanto cristã (Af, 21 anos, licenciatura em Pedagogia).

Para a informante Af, o conflito gerado na universidade decorre da contradição presente entre duas crenças literalmente distintas, uma religiosa e outra científica, e se

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



depara com o choque e a oposição entre ambas. Algo que se objetiva nas diferentes explicações e assuntos, que ora podem coincidir com os preceitos cristãos e ora podem negá-los de forma veemente.

Ao relatar que fica no meio deste embate revela que estar entre dois posicionamentos antagônicos é causa do conflito pessoal, pois vivencia experiências pertencentes as duas dimensões totalmente distintas, a ‘razão’ e a ‘emoção’, de modo que tenta conciliar e articular as duas formas de interpretação.

A imagem estereotipada e o paradigma da conduta feminina religiosa que se constrói na sociedade influem diretamente na vivência de experiências dentro da universidade, uma vez que ao ingressarem nesse espaço algumas jovens são avaliadas segundo os moldes e papéis predeterminados para sua condição de mulher e cristã, o que inclui um conjunto padronizado de formas de agir, pensar e se comportar nesse espaço:

Olha, assim, passa por algumas dificuldades né? Porque a gente sabe que nem todos aqui nem todos são evangélicos, grande parte não é evangélico. Então a partir do momento que tu entra aqui eles já te olham de um olhar diferente, eles acreditam que, (tu não tem que), agir de tal forma, tem que ser certinha, que tu não faz certas coisas, que tu é pura. Então tem ser como santa como se tu fosses padre pros católicos e pastor para os evangélicos. Então é esse que, é isso que eles tem, é essa idealização deles em relação as pessoas cristãs pelo menos pra mim; os evangélicos. Quando, a partir do momento que eu entrei aqui eu fui pra sala disseram nossa, por exemplo, como eu falei que eu escrevo fanfics yaoi. Mas tu? Eu jamais imaginaria que um evangélico fosse....escrevesse relacionamentos homoafetivos, eu jamais imaginaria. Aí dá até aquele... nossa o que você pensa então que nós somos? (Bf, 19 anos, Licenciatura em Química).

O relato de Bf demonstra que circulam modelos acerca de como deve ser uma jovem cristã, o que conduz a expectativas e avaliações em relação ao seu comportamento que, segundo esse pressuposto “tem que ser certinha”. A pronúncia de

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



maneira enfática do adjetivo “pura” reforça a identificação da representação criada sobre as mulheres cristãs. Tal idealização é apontada pela informante como um dos problemas encontrados no ambiente acadêmico, pois, por não responder ao estereótipo criado, acaba sofrendo com discriminações e comentários de sua turma.

O fato de revelar que escrevia história sobre relacionamentos homoafetivos em ambiente virtual, ‘fanfics’, foi acompanhado de surpresa e admiração dos colegas. A reação de Bf com relação aos colegas também foi acompanhada de um estranhamento ao dizer: ‘nossa o que você pensa, então que nós somos?’. Desse modo, podemos notar o trânsito entre os significados midiaticizados acerca das jovens cristãs e a jovem cristã na sua materialidade que não entende, não percebe sua prática como algo incoerente ou inadequado para uma jovem evangélica. Posição que se distancia bastante do estereótipo de mulher cristã.

Na mesma direção que Bf, encontramos outros relatos de jovens que denunciam a existência de situações de desrespeito vivenciadas dentro de sala de aula, as quais, podemos conjecturar, decorrem da escolha por seguir, defender e incorporar no seu modo de vida os preceitos e ensinamentos recebidos do grupo ou instituição religiosa a qual pertence. A exemplo, destacamos o depoimento abaixo:

Existem algumas situações; que olha já aconteceram na sala que eu acho um pouco de desrespeito, mas eu também não, como é que eu vou dizer, eu não vou bater boca entendeu em sala de aula. Por exemplo, uma vez deixo ver se eu me lembro da situação direito. Tem um professor de filosofia da linguagem, eu não sei porque né filosofia da linguagem, mas enfim. Ele falo..., comentou sobre gênese e ele falou: ah...tem gente que acredita que a cosmovisão que seja, que vale pra todo mundo que -tá em gênese, mas é só do judeus e tal. E eu tenho, um colega de sala que ele toda vez que algo assim é mencionado na sala sobre, religião cristã, sobre os princípios cristãos. Por exemplo, se gêneses, é considerado como ou não, questão de fazer sexo antes do casamento se é certo ou errado. Ele ri de uma maneira assim alta, como que zombando entendeu? Quem acredita nisso. E eu acho, isso falta de respeito porque quando ele, quando ele expõe algo que eu não concordo, que eu acho talvez até

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



risível, eu não exponho de uma forma que vá desrespeitar o que ele acredita, assim como eu busco não desrespeitar pessoas de outras religiões, tem na minha sala... tem... tem bastante (risos) na minha sala. Eu não exponho desse jeito, assim, rindo em voz alta entendeu, da pessoa, como se ela fosse besta ou boba por acreditar naquilo entendeu? Mas eu também não, tipo ele ri eu fico chateada, mas eu também não, eu sei que não, eu, assim eu acredito que não eu não poderia me... me expressar da forma que ele expressa, porque eu seria talvez chacotizada, se é que essa palavra existe, por toda a sala entendeu? Já que a maioria acredita no que ele acredita. Então, por exemplo, eu, desses princípios que eu citei, sexo antes do casamento, eu escolhi não fazer sexo antes do casamento, mas a maioria da (minha) da turma, da minha sala resolveram fazer ao contrário e quando eles ouvem isso, não todos, mas por exemplo esse elemento específico quando ele ouve alguém falar sobre isso ele ri, ele tira chacota, mas quando outra pessoa faz o contrário de mim eu não eu não faço chacota entendeu? Eu respeito, tô sendo clara, entendeu? Então eu acho que o único impasse da minha relação com os meus colegas de sala é isso entendeu? A questão do respeito, eu não me sinto tão respeitada entendeu? Embora eu respeite todos eles (Df, 21 anos, Licenciatura em Filosofia).

A informante Df relata que, em certas ocasiões, quando algo relacionado à religião ou aos princípios cristãos é mencionado em sala de aula, como, por exemplo, a questão de fazer sexo antes do casamento, é alvo de discriminação pela postura de um dos colegas da turma que ri como se estivesse ‘zombando’ dos colegas que como ela aderiram a posição de não manter relações sexuais fora de uma união conjugal. É perceptível a reprovação que a jovem atribui à atitude do colega e à sensação de se sentir desrespeitada na sua crença e modo de ser.

Um ponto bastante caro à juventude e à religião se refere à prática sexual. Df usa como exemplo sua posição de ‘não fazer sexo antes do casamento’, o que é o oposto dos colegas que ‘resolveram fazer ao contrário’. O conhecimento de sua posição tornou-a alvo de piadas na turma e a se sentir desrespeitada. Ela percebe que seu lugar na universidade como evangélica é de minoria, pois identifica que não poderia se expressar da mesma maneira que o colega, tendo em vista que a maioria dos estudantes não

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



concordaria com ela. Assim, não expõe suas opiniões, especialmente em temas caros a sua religião, pois acredita que seria ‘chacotizada’ pelos demais colegas da turma.

A postura cristã, assumida e publicizada no espaço universitário, é descrita pela informante Cf ao relatar a sua compreensão sobre o modo como o cristão deve ser na universidade:

O cristão ele tem objetivos se a gente for comparar com cristo o nosso objetivo geral é pregar amor e vida pregar que existe um Deus e que esse Deus se preocupa com a gente e que nós temos que estar tentando seguir o mesmo caminho que Cristo, que era pregando a palavra, evangelizando de um jeito bem simples; não daquele jeito estilo João Batista que gritava e pregava nas praças, mas de um jeito bem, bem de Cristo mesmo, bem no amor bem só conversando (isso se), acho que isso seria a postura de um cristão de dentro da universidade. Mas isso raramente acontece Tem lugares aqui que têm culto se eu não me engano, tem alguns lugares que tem culto, mas dentro do das salas de aulas impossível. Eu não vejo como um cristão possa agir assim (Cf, 21 anos, Licenciatura em Geografia).

Segundo Cf, o objetivo geral de todo o cristão é ‘pregar amor e vida’, ensinar e seguir os preceitos e princípios de sua religião, assumindo uma postura diferenciada baseada principalmente no exercício do diálogo com os demais, sem qualquer tipo de imposição ou intolerância. Apesar de supor que existem alguns lugares em seu *campus* onde são realizados cultos religiosos, afirma que, raramente, o modo de ser cristã seria assumido, especialmente, o ter atitudes religiosas, uma posição talvez de “pregação” ou como ela diz ‘conversando’ dentro das salas de aula.

Como vemos, assumir uma identidade religiosa no ambiente acadêmico gera uma série de dificuldades que correspondem a situações de conflito, as quais colocam em rota de colisão valores e significados oriundos da formação religiosa com significados emanados da vida secular, do meio acadêmico, da contemporaneidade.

Considerações Finais

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



O espaço universitário é hoje constituído predominantemente por jovens, um lugar de estudo e formação, mas também local de experiências vinculadas ao lazer e a sociabilidade. As estudantes cristãs, jovens, que, por mais plurais que sejam nos seus credenciamentos específicos a uma doutrina protestante, trajando a tradicional saia ou calça comprida, tatuadas ou não, frequentam e circulam nos ambientes de convivência e sociabilidade de seu *campus*, relacionando-se das mais diferentes maneiras com pares não cristãos. De “Santinha em tudo quanto era canto” passam a refletir e analisar a importância, o valor e o significado de elementos de sua formação religiosa e, nesse jogo de interações sociais, de trânsito de códigos e representações, as jovens estudantes universitárias são atravessadas por outros significados que, por sua vez, questionam ou invertem a lógica de um estereótipo que as representa como ‘sérias’ e conservadoras, tanto em termos estéticos como comportamentais.

Para escaparem dos conflitos, certas jovens evangélicas escolhem por transpor tudo aquilo que seja tradicional e conservador, elaborando estratégias próprias de flexibilização dos costumes e aspectos da vida cristã que são normatizados por seus grupos religiosos. Passam a experimentar outras possibilidades visuais, outras formas de lazer, outras maneiras de dar sentido e de se relacionar com o mundo. Com isso, ao buscarem atender às solicitações de ser jovem na universidade, passam a atuar na fronteira entre modos de vida literalmente distintos, jogando com um ou com outro dependendo da instituição ou espaço em que se encontram; uma “duplicidade de redes na biografia pessoal” (CARRANO, 2002, p.85) que revela o esforço em articular simultaneamente experiências religiosas e juvenis.

Porém, ainda precisamos admitir a existência daquelas que atribuem um significado particular ao seu modo de vestir, que, ao buscarem seguir em suas expressões visuais as orientações pastorais instituídas, assumem valores tradicionais relacionados à decência e ao pudor, o que sinaliza, na maioria dos casos, a manutenção

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



de usos e costumes da cultura protestante no que se refere ao controle e disfarce do corpo.

Assim, procuramos mostrar que ser jovem, mulher e cristã no espaço acadêmico demanda a elaboração constante de estratégias para lidar com situações de conflito que passam a existir e que não haviam sido experimentadas anteriormente. São reflexões e que extrapolam o âmbito universitário e se materializam também nas relações com seus familiares. Por mais que entendam que existem nítidas diferenças entre os posicionamentos que seriam afeitos, correlatos ou adequados a cada espaço que frequentam, isto é, seu grupo religioso e a universidade, algumas se veem confusas e desorientadas para conciliarem e negociarem com elas mesmas, seus pares, familiares ou praticantes da sua igreja visões e comportamentos tão divergentes.

Nas interações ocorridas diariamente nesse espaço, as jovens acabam desconstruindo as idealizações que seus pares não cristãos assumem em relação a elas, procurando mostrar que as possibilidades de sua condição juvenil não estão dadas por regras e padrões religiosos, antes de tudo buscam desvincular “ser cristã” de atributos e especificações que restringem socialmente o seu comportamento enquanto jovem. Porém, as estudantes denunciam que nem sempre sua condição é compreendida, existindo, inclusive, situações de desrespeito, de preconceito, o que inclui comentários e ‘gozações’ por parte dos colegas.

Ficou claro que cada uma das estudantes cristãs possui um modo particular de ser jovem na universidade e reconhecê-las na sua diferença, enquanto mulheres com valores, projetos, formas de comportamentos, hábitos e uma história de vida que as tornam singular, é fundamental para compreendermos as manifestações desiguais que se elaboram nesse espaço. Mesmo apresentando percursos distintos, entram em consenso em diversos aspectos: buscam autonomia para fazer suas próprias escolhas, procuram mostrar suas potencialidades não só enquanto cristã, mas principalmente como jovens,

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



que podem usufruir do mesmo estilo de vida que seus pares não cristãos, uma vez que cada uma entende sua condição de forma diferente e, quase sempre, esta se encontra desvinculada da compreensão que é normatizada pelos grupos religiosos protestantes.

Referências

ALVES, M. F. P. Ser jovem crente: a escolha por uma distinção - pensando igreja, família, juventude e 'mundo'. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, v. 23, p. 101-120, 2012.

BASSALO, L. M. B. **Entre sentidos e significados**: um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas. 2012. 240f. Tese de Doutorado (Doutorado em educação) - Faculdade de Educação - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O Método Documentário na análise de grupos de discussão. In WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs). **Metodologias da Pesquisa qualitativa em Educação**: Teoria e Prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARRANO, Paulo. **Os jovens e a cidade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

CASTILHO, Rosane. **Juventud y autoridad**: consideraciones sobre el sujeto de la autoridad para la juventud contemporánea. Buenos Aires: Teseo, 2011.

CHIRIBOGA, Cinthia. La problemática de la distinción de género en las culturas juveniles. In: CERBINO, Mauro; CHIRIBOGA, Cinthia; TUTIVÉN; Carlos. **Culturas juvenis**: corpo, música, sociabilidade e gênero. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2001, p. 139-174.

FEIXA, Carles. Tribus urbanas y chavos banda. Las culturas juveniles en Cataluña y México. **Nueva Antropología**, México, v.14, p.72-93, 1995.

_____. De culturas, subculturas y estilos. In: _____. **De Jóvenes, bandas y tribus**. Antropología de la juventud. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1999. p. 84-105.

FARIAS, Carine Lavrador de; BLANC, Manuela Vieira. Juventude, religiosidade e o “tempo livre”: Formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES**, v. 1, n. 1, 2011.

GOMES, Elias Evangelista. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



pentecostais. **Cadernos CERU**, n. 18, p. 69-89, 2007.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Rio de Janeiro, 2015.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MULLER, Elaine. Juventude e algumas questões e relações de gênero. **Mneme**: Revista Virtual de Humanidades, n. 11, v. 5, p.1-29, Jul./Set.,2004.

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.13, n.37, Jan./Abr. 2008.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles**: estrategias del desencanto. Bogotá: Editorial Norma, 2000.

VARELA, Francisco Ramírez. El mito de la cultura juvenil. **Última Década**, CIDPA Valparaíso, n.28, p.79-90, Julio, 2008.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.1, p. 107-126, Jan./Abr. 2005.

_____. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, no 25 vol. 2, p.205-224, 2010.

_____; OTTE, Janete. Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. **Civitas**, Porto Alegre, n.2, v.14, p.325-240, maio./ago. 2014.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Sobre as autoras

Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Professora adjunta da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UEPA. Doutora em Educação, Líder do JEDS - Grupo de Pesquisa sobre Juventude, Educação e Sociabilidades. Email: lbassalo@uol.com.br

Hamanda Maiara N. Pontes

Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), bolsista de pesquisa de Iniciação Científica; integrante do JEDS - Grupo de Pesquisa sobre Juventude, Educação e Sociabilidades. Email: m-pontes15@hotmail.com

Recebido em: 10/05/2016

Aceito para publicação em: 05/06/2016